



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

EDILENE APARECIDA DE REZENDE

**Consequências da violência na infância ao longo da vida:
Uma revisão narrativa**

Brasília – DF

2016

EDILENE APARECIDA DE REZENDE

**Consequências da violência na infância ao longo da vida:
Uma revisão narrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional

Professor Orientador: Ms.Vagner dos Santos

Brasília – DF

2016

Consequências da violência na infância ao longo da vida

Uma revisão narrativa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília - Faculdade de
Ceilândia como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Vagner Dos Santos

Orientador

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Prof.^a Ms Josenaide Engracia dos Santos

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Aprovado em:

Brasília, 8 de Dezembro de 2016

Agradecimento

Agradeço a Deus que sempre me deu forças e me fez seguir em frente e continuar mesmo quando eu achava que não conseguiria.

Aos meus pais por todo o apoio e por proporcionar condições para que eu estudasse. Em especial a minha querida mãe que sempre me ajudou, me aconselhou e esteve do meu lado sempre, e apesar de não estar mais aqui para compartilhar a realização desse sonho, eu sei que ela está muito feliz por mim.

Agradeço ao meu irmão Evaldo que sempre acreditou que eu conseguiria até quando nem eu mais acreditava.

Agradeço ao meu esposo Lucas, pelo amor, companheirismo, carinho, apoio e compreensão que me ajudaram a ter mais confiança e conquistar esse sonho.

Agradeço as minhas filhas Ester Louise e Luna Eloá que foram a minha motivação para que eu não desistisse.

Agradeço aos meus familiares, minhas tias, minha sogra e minha cunhada pelo apoio durante essa jornada.

Agradeço ao meu orientador Vagner pela dedicação, paciência e confiança que teve durante esse tempo e por todo o conhecimento transmitido.

Obrigada a todos !!

*Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades,
lembrai-vos de que as grandes coisas do homem
foram conquistadas do que parecia impossível.*

Charles Chaplin

RESUMO

APARECIDA DE REZENDE E. Consequências da violência na infância ao longo da vida: Uma revisão narrativa. 2016. Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília, Graduação em Terapia Ocupacional, Faculdade de Ceilândia. Brasília, 2016.

A violência contra a população infanto-juvenil é um problema decorrente a vários anos e tem sido observada como uma prática constante em diferentes sociedades, sendo defendida muitas vezes com um ato justificável, e pode apresentar consequências em curto, médio e longo prazo. Diante dessa temática o objetivo desse estudo é identificar e caracterizar na literatura científica as consequências da violência infanto-juvenil para o desenvolvimento das crianças e adolescentes e as possíveis contribuições da Terapia Ocupacional em atenção a essa população. Foi dividido em três etapas: 1- Busca pelos artigos por descritores; 2- seleção dos artigos a partir dos critérios de inclusão e exclusão. 3- Foi realizada uma busca nos cadernos de terapia ocupacional da UFSCAR entre os anos de 1995 á 2015 publicações que estão relacionadas a violência. 4- Os artigos foram lidos na íntegra e a partir de então foram organizados e discutidos quanto o seu conteúdo. Conclui-se que diante dessas consequências da violência contra crianças e adolescentes apresentadas na literatura científica fica nítido a importância de desenvolver ações de prevenção, proteção e cuidado. A atuação da Terapia Ocupacional proporciona um atendimento que favorece o acolhimento e vínculo com a vítima e a família intervindo na reabilitação dos agravos físicos, psicológicos, emocionais e sociais.

Palavras- chaves: Consequências. Violência infanto-juvenil. Crianças e adolescentes. Terapia ocupacional.

ABSTRACT

APARECIDA DE REZENDE E. Consequences of violence in childhood: A narrative review. 2016. Monograph (Undergraduate) - University of Brasilia, Undergraduate Program in Occupational Therapy, School of Ceilândia. Brasília, 2016.

Violence against child and adolescent (CA) it is a well know problem observed in different societies. It has physical, psychological and social consequences in the short, medium and long-terms. The aim of this study is to identify and characterize the scientific literature about the consequences of domestic violence against CA. Also, to discuss what are the possible contributions of Occupational Therapy when taking care of this group. The methodology was divided into three stages: 1- Search for articles by descriptors; 2- selection of articles by inclusion and exclusion criteria. 3 - Additional search in the UFSCAR Occupational Therapy Journal to identify publications that were related to CA violence. Analysis: The articles were read in full Results: It is found that it is importance to develop prevention, protection and care actions/programa as clear goal among several disciplines. Specifically, the work of Occupational Therapy provides a service that promotes benefit regarding victims feeling and behaviour, also, the victim and the family would benefit form diferente approaches of rehabilitation (physical, psychological, emotional and social).

Keywords: Consequences. Infantile-juvenile violence. Children and adolescents. Occupational therapy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. JUSTIFICATIVA.....	12
3. METODOLOGIA.....	14
4. DISCUSSÃO.....	15
4.1. Consequências físicas.....	22
4.2. Consequências psicológicas e emocionais.....	23
4.3. Uso da palmada como forma de educar.....	26
4.4. O que vem após a revelação.....	27
4.5. Contribuições da Terapia Ocupacional.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6. REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

A Constituição Federal no seu artigo 227 preordena o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) lei 8.069/90 que tem por objetivo estabelecer em seus direitos fundamentais (art. 5º) que nenhuma criança ou adolescente será exposta à qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, sendo assim punido perante a lei quem descumprir por ação ou omissão a esses direitos fundamentais colocando em risco as crianças e aos adolescentes. (BRASIL, 2002).

Quando se trata de violência infantil Koifman, Menezes, Bohrer, (2012) referem-se a qualquer ato não acidental causado por uma pessoa que exerça autoridade sobre essa criança/adolescente, praticando ações físicas, psicológicas, sexuais e/ou emocionais, que comprometam o seu desenvolvimento adequado físico, emocional e psicológico.

Para classificar os tipos de violência Koifman et al., (2012) as descreve como: violência física, violência psicológica, violência sexual e negligência. Podendo muitas vezes ser encontrado em determinados casos a ocorrência de mais de um tipo de violência.

Buscando caracterizar esses tipos de violência infantil Bazon (2008) descreve a violência física como a utilização de força física contra crianças e adolescentes que resulte em dor; o abuso sexual como um ato com o objetivo de buscar estímulos sexuais para si ou para outras pessoas envolvendo crianças e adolescentes sob forma de ameaças, força física ou pressão psicológica; a violência psicológica e emocional como uma condição em que uma pessoa por meio de opressão faz com que as crianças e/ou adolescentes sintam-se ameaçados e com baixa autoestima; já a negligência ocorre quando há ausência e omissão dos cuidados fundamentais, como alimentação, vestimenta, saúde e educação por meio da família e/ou da sociedade.

Essa violência contra a população infanto-juvenil é um problema decorrente a vários anos e tem sido observada como uma prática constante em diferentes sociedades, sendo defendida muitas vezes com um ato justificável. (PIRES; MIYAZAKI, 2005)

Conforme Pires e Miyazaki (2005) apenas após os anos 60 a violência infantil foi vista como um problema de saúde pública no Brasil, no qual julgou-se necessário a

realização de novas publicações decorrente ao tema e um maior reconhecimento da gravidade das consequências apresentadas no desenvolvimento das crianças e adolescentes vítimas de violência.

Para Koifman et al., (2012) a violência doméstica contra crianças e adolescentes atualmente no Brasil ainda é mantida como uma estratégia de educação sendo muito utilizada pelos pais. Tais justificativas favorecem a banalização das graves consequências da violência física contra a população infanto-juvenil tornando-se muitas vezes uma prática corriqueira no ambiente familiar.

“A violência contra crianças e adolescentes é considerada como a primeira causa de morte na faixa de 5 a 19 anos e a segunda no período de 1 a 4 anos, sendo então apontada como uma das principais causas de morbi-mortalidade na infância. Isto confere ao tema grande repercussão e relevância.” (KOIFMAN et al., 2012).

Em um estudo bibliográfico Martins (2010) apresenta dados epidemiológicos segundo a taxas de morbidade e mortalidade na população infantil em decorrência a maus tratos, calculando um coeficiente de mortalidade de 2,2 por 100.000 crianças do sexo feminino e 1,8 por 100.000 do sexo masculino devido a maus tratos. Em relação a morbidade a referência é que cerca de 40 milhões de crianças e adolescentes em todo o mundo sofram abuso anualmente, sendo a maioria cometidos por pessoas do seu convívio familiar. Sabe-se ainda que esses dados se referem apenas a dados de violência notificados, reconhecendo que existem muitos casos que ainda são desconhecidos pelas estatísticas por diversos motivos sendo uns deles a dificuldade da identificação dos casos e o medo e a insegurança da vítima, o que implica na importância da identificação e notificação dos casos por profissionais da saúde, da educação e pelo Conselho tutelar que estejam qualificados para esse tipo de atendimento.

Teixeira-filho, Rondini, Silva e Araújo (2013) refere-se a violência como um ato que impede a vítima de preservar a sua autonomia e participar do processo de escolha e tomada de decisão logo que a prática não é de seu consentimento, e pode apresentar

consequências em curto, médio e longo prazo. Sendo observado na literatura científica a relação entre crianças e adolescentes vítimas de violência física e/ou sexual para o surgimento de consequências negativas para a saúde física e mental como o surgimento de ideias e tentativas de suicídio.

Essa violência vivenciada na infância produz um efeito significativo no processo de desenvolvimento da criança, podendo apresentar posteriormente problemas comportamentais e emocionais, e até transtornos mentais graves. (ZAMBON, JACINTHO, MEDEIROS, GUGLIELMINETTI, MARMO, 2012).

A terapia ocupacional dentre as suas habilidades pode ser definida segundo a “College of Occupational Therapists”:

A terapia ocupacional avalia as funções físicas, psicológicas e sociais do indivíduo, identifica áreas de disfunção e envolve o indivíduo em um programa estruturado de atividade para superar a incapacidade. As atividades selecionadas serão relacionadas as necessidades pessoais, sociais, culturais e econômicas. (Hagedorn. 2003)

O terapeuta ocupacional atua na prevenção, intervenção e cuidado com o paciente e sua família favorecendo o ganho máximo de independência e autonomia.

Diante dessa temática o objetivo desse estudo é identificar e caracterizar na literatura científica as consequências da violência infanto-juvenil para o desenvolvimento das crianças e adolescentes e as possíveis contribuições da Terapia Ocupacional em atenção a essa população.

JUSTIFICATIVA

Em um estudo de revisão bibliográfica, Pires e Miyazaki (2005) relataram que crianças submetidas à violência doméstica, quando comparadas as que não sofreram violência tem características específicas tais como:

- 1) Comportamento agressivo,
- 2) Baixa autoestima,
- 3) Maior risco de déficit de atenção, hiperatividade,
- 4) Dificuldade de relacionamento interpessoal,
- 5) Comportamento abusivo (serão também possíveis abusadores),
- 6) Baixo rendimento escolar,
- 7) Maior chance de cometer atos infracionais e abusar de drogas
- 8) Maior chance de ter gravidez precoce,
- 9) Capacidade cognitiva e de desenvolvimento da linguagem comprometido

Para Pires e Miyazaki (2005) existe uma relação entre as crianças que vivenciaram situações de abuso crônico e apresentarem consequências físicas com dor, sofrimento e estresse à desenvolverem um frequente estado de alerta para maus-tratos.

Pesce (2009) em uma revisão de literatura refere-se a um estudo realizados por dois outros autores que selecionando dois grupos de crianças com e sem problemas de comportamentos verificaram que o grupo de crianças que não apresentavam problemas de comportamento tinham um convívio familiar afetivo e acolhedor, justificando assim a relação entre problemas de comportamento na infância e a convivência no ambiente familiar.

Pires e Miyazaki (2005) relata que a violência infantil pode trazer também consequências no âmbito social que podem estar relacionadas a custos diretos como: Gastos com sistema de investigação e processo judicial; Cumprimento de penas e com o sistema único de saúde (SUS). Já as consequências relacionadas à custos indiretos

abrange: Atividades criminais; Doenças mentais; Uso e abuso de substâncias psicoativas; Violência doméstica; Serviços de Educação especial.

Nota-se que as várias formas de violência sofridas pela população infanto-juvenil apresenta diversas consequências para o desenvolvimento dessas crianças e adolescentes diante disso Pires e Miyazaki (2005) relata a importância de esclarecer os tipos de violência infanto-juvenil e suas consequências para a implantação de práticas para prevenção e controle do problema.

De acordo Pires e Miyazaki (2005) alguns elementos influenciam na repercussão dos danos causados para essas crianças e adolescentes são esses: a idade, estado do desenvolvimento, tipo de violência, frequência, duração, gravidade do abuso e a vinculo existente entre a vítima e o abusador.

Observa-se que a violência é um fenômeno que ultrapassa as fronteiras, sendo algo que acontece em todos os países. Devido a sua frequência muitas vezes não recebe a atenção devida.

Segundo Rosa, Anjos, Brasil, Fonseca e Brasil (2014) os vários recursos utilizados pela mídia tem divulgado de forma diferente a violência, evidenciando a dor das famílias e a revolta da sociedade quando se trata da violência contra a população jovem de classe média, e quando atinge os jovens de classe popular alegam ser uma consequência dos seus próprios atos e escolhas, como as “más companhias” e o envolvimento com drogas.

É importante considerar que nos últimos anos o assunto da violência infanto-juvenil tem aparecido muito na mídia através dos diferentes meios de comunicação, principalmente a internet, noticiando casos de abuso, maus tratos e negligencia contra crianças e adolescentes.

É necessário notificar os casos e realizar uma conduta adequada, para prevenir que o ato de violência ocorra novamente, e buscar proporcionar a essas crianças e adolescentes um cuidado mais amplo, identificando quais as consequências que a violência pode desenvolver e influenciar no processo de desenvolvimento físico, emocional e psicológico dessa população.

METODOLOGIA

Esse trabalho trata-se de uma revisão narrativa que é utilizada para descrever o estado da arte de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Esse tipo de revisão não fornece a metodologia para a busca das referências, nem as fontes de informação utilizadas, ou os critérios usados na avaliação e seleção dos trabalhos. Constitui-se, basicamente, da análise da literatura, da interpretação e análise crítica pessoal do pesquisador (BERNARDO; NOBRE; JANETE, 2004 apud BOTELHO; CUNHA; MACEDO.2011). A revisão narrativa possibilita a aquisição e atualização de conhecimento sobre um determinado tema em curto período de tempo; no entanto, não possui metodologia que viabilize a reprodução dos dados e nem traz respostas quantitativas para determinados questionamentos (ROTHER, 2007 apud BOTELHO et al .2011).

Será dividido em quatro etapas: Etapa 1. Selecionar o material a partir de uma busca inicial de artigos da literatura brasileira através das bases de dados Scielo utilizando e combinando os descritores: violência infantil, violência contra crianças e adolescentes, negligencia infantil, violência doméstica, violência extrafamiliar e violência intrafamiliar. Obtendo assim o total de 24 artigos.

Etapa 2: Foram selecionados após a leitura do resumo e a partir dos critérios de inclusão e exclusão. Os critérios inclusão da etapa 1 são: abranger a temática e objetivo desse estudo, estarem publicados entre janeiro de 1995 a dezembro de 2015, ser artigos em português. E os critérios de exclusão da etapa 1: Artigo de língua estrangeira, não estar relacionados a temática e objetivo do estudo, serem publicados antes de janeiro de 1995 e após dezembro de 2015. Sendo assim selecionados 15 artigos e excluídos 9 artigos sendo 1 por estar língua estrangeira e 7 por não abrangerem o objetivo do presente trabalho.

Etapa 3: Foi realizada uma busca nos cadernos de terapia ocupacional da UFSCAR entre os anos de 1995 á 2015 publicações que estão relacionadas a violência. Foram encontrados 09 artigos. Foram lidos e selecionados 4 artigos e excluídos 5 artigos por não abordarem a violência contra crianças e adolescentes não abrangendo o objetivo do presente trabalho.

Etapa 4: **Análise dos artigos:** Os artigos selecionados foram lidos na íntegra e a partir de então foram organizados e discutidos quanto o seu conteúdo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos encontrados e utilizados para a discussão desse trabalho estão na tabela a seguir:

Titulo	Autor	Objetivo	Ano
Quando a convivência com a violência aproxima a criança do comportamento depressivo	AVANCI J.; ASSIS S.; OLIVEIRA R. PIRES T.	Buscando explorar a relação existente entre a depressão em crianças e sua vitimização pela violência em diferentes contextos.	2009
Indicadores de Risco e de Proteção em Famílias Fisicamente Abusivas.	ANTONI C., BARONE L.R., KOLLER S.H.	Identificar e analisar os indicadores de risco e de proteção em famílias denunciadas por abuso físico. Esses indicadores estão relacionados às variáveis de interação no sistema familiar e influenciam na forma com que a família lida com as adversidades existentes nesse contexto.	2007
Violência doméstica e suas diferentes manifestações.	DAY V.P. et al	Descrever as diferentes formas, utilizando como parâmetro principal as vítimas preferenciais para fins de tornar mais objetivo o relato.	2003

Compreendendo as mães de crianças vítimas de abuso sexual: ciclos de violência.	SANTOS S.S.; DELL'AGLIO D.D.;	Discutir as características de mães de crianças vítimas de abuso sexual, considerando aspectos como ajustamento emocional, multigeracionalidade e reações maternas frente à revelação.	2008
O uso de palmadas e surras como prática educativa.	WEBER L.N.D.; VIEZZER A.P.; BRANDENBURG O.J.	Descrever a incidência de práticas educativas parentais coercitivas, especialmente o uso da punição corporal utilizada contingentemente ao comportamento de crianças e adolescentes de diferentes níveis socioeconômicos.	2004
O Círculo Vicioso da Violência Sexual: Do Ofendido ao Ofensor.	JESUS N.A.	Compreender o processo de formação da violência empregada, tendo em vista a experiência de violência anteriormente sofrida pelo autor, com base em uma visão fenomenológico-existencial.	2006
Violência e abuso sexual na família.	ARAUJO M.F.	Descrever um relato de experiência de supervisão e atendimento de famílias que sofreram violência intrafamiliar, encaminhadas para atendimento psicológico após denúncia ou suspeita de abuso sexual infantil cometido por parentes próximos.	2002

		.	
Acompanhamento de crianças vítimas de violência: desafios para o pediatra.	FERREIRA A.L.;	Revisar questões práticas voltadas para o acolhimento e acompanhamento pediátricos de crianças vítimas de violência e de suas famílias.	2005
Violência contra crianças e adolescentes no Amazonas: Análise dos registros.	MAIA A.C., BARRET, n.2 M.	Caracterizar a violência contra crianças e adolescentes no Interior do Estado do Amazonas.	2012
Maus tratos contra crianças e adolescentes.	MARTINS, C.B.G.	Conhecer e divulgar os dados epidemiológicos acerca da violência praticada contra menores, bem como discutir o conhecimento da magnitude desses eventos, os fatores relacionados e as consequências para as vítimas.	2010
Plantão social: espaço privilegiado para identificação/notificação de violência contra crianças e adolescentes.	MONTEIRO, F.O.	Problematizar a concepção de plantão social, que vigora no interior do Serviço Social, discutindo tal estratégia como espaço privilegiado para identificação/notificação de casos de violência praticada contra crianças e adolescentes	2010
Consequências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a	REICHENHEIM M.E.; HASSELMANN M.H.; MORAES C.L.	Destacar o campo das investigações sobre a violência familiar procurando explicitamente fazer uma ponte entre a apropriação do	1999

elaboração de propostas de ação.		conhecimento gerado e efetivas propostas de ação.
A violência que atinge adolescentes e jovens de uma região do Espírito Santo.	ROSA, E. M.; ANJOS, E. E.; BRASIL, G. H.; FONSECA, K. A.; BRASIL, J. A.	Investigar como a violência tem afetado a vida de adolescentes e jovens de uma região composta por sete bairros considerada altamente violenta do estado do Espírito Santo. 2014
Prevalência e características de escolares vítimas de bullying	MOURA D.R., CRUZ A.C.N., QUEVEDO L.A.	Descrever a prevalência de vítimas de <i>bullying</i> , suas características e os sintomas associados nas áreas emocionais, de conduta, hiperatividade e relacionamento. 2011
Famílias que maltratam: uma tentativa de socialização pela violência.	WEBER L.N.D.; VIEZZER A.P.; BRANDENBURG O.J.; ZOCHE C.R.E	Identificar o perfil e a dinâmica familiar dos envolvidos nas denúncias ocorridas ao programa SOS Criança na cidade de Curitiba. 2002

A infância e a adolescência são fases do desenvolvimento que ocorre várias transformações e aprendizados, a criança e ao adolescente necessitam de uma pessoa que exerça o papel de cuidado sobre ela, buscando assim proporcionar um ambiente saudável, que garanta um desenvolvimento físico, mental, emocional e psicológico adequado, é dever do Estado e da família proteger e garantir esses direitos. Quando a criança ou o adolescente vivencia situações de violência pode comprometer o seu desenvolvimento.

A violência contra as crianças e os adolescentes em todas as suas formas trazem consequências para a vítima por um longo período e muitas vezes pelo resto da vida. Podem apresentar-se de maneira logo que exposta ao ato de violência como no caso de

violência que causa lesões e incapacidades motoras imediatas, podendo ser temporárias ou definitiva, normalmente nos casos de violência física e sexual. E outras que podem se manifestar com o tempo como no caso dos distúrbios psicológicos, emocionais e motores, o que muitas vezes são difíceis de ser observados pelos profissionais como uma consequência tardia da violência.

A violência, pelo número de vítimas e a gravidade das sequelas orgânicas e emocionais que produz, adquiriu um caráter endêmico e se tornou um problema de saúde pública em vários países. O setor de saúde constitui a encruzilhada para onde confluem todos os corolários da violência, pela pressão que exercem sobre as vítimas nos serviços de emergências, de atuação especializada, de reabilitação física, psicológica e o de assistência social. (Organização Pan-Americana de Saúde, 1993 apud Monteiro. 2010)

Em um estudo realizado por FERREIRA (2005) são apresentados dados pela Agência de Proteção à criança nos EUA no ano 2000 onde cerca de 12 a cada 1000 crianças haviam sido vítimas de maus tratos. Apresentando uma porcentagem de 62,8% vítimas de negligência, 19,3% de abusos físicos, 10,1 de abusos sexuais e 7,7% de abuso psicológico. Com esses dados é possível perceber que a porcentagem do abuso psicológico é menor em relação aos outros, isso pode ser justificado por ser um tipo de abuso que é mais difícil de ser identificado, mas que pode na maioria das vezes estar ligado aos outros tipos de abuso.

Os dados apresentados no Brasil e no mundo em relação a violência infanto-juvenil são apenas dos casos notificados. Entretanto a maioria dos casos não são notificados, é como um “iceberg” onde a menor parte pode ser visível enquanto que a parte consideravelmente maior está encoberta. Essa situação se torna preocupante visto que quando a violência não é identificada e notificada a criança/adolescente fica mais exposto a sofrer violência novamente e torna-se difícil relacionar os problemas de saúde e do desenvolvimento como possíveis causas da violência.

De acordo com Martins (2010) a estimativa é que cerca de 18 mil crianças sofrem violência frequentemente e que para cada 20 casos de violência contra crianças e adolescentes somente um caso é denunciado. Cerca de 10 % das crianças que são levadas aos serviços de emergência por maus-tratos e sem ajuda adequada, 5% delas morrem nas mãos dos agressores e 35% delas são cruelmente maltratadas novamente. Em 2007 dados indicam que 4,2 % de todas as internações brasileiras são por causas externas na faixa etária de 10 a 19 anos.

Existem fatores que influenciam na notificação dos casos de violência, entre eles estão a capacitação insuficiente dos profissionais de saúde e da educação para identificar e abordar esses casos, os sentimentos da vítima muitas vezes de medo, insegurança e ameaça, medo da revolta do agressor em relação a vítima e a pessoa que denunciou, ausência de suporte familiar e a relação existente entre a vítima e o agressor. Quando se trata da violência doméstica muitas vezes o silêncio prevalece por muito tempo, as vezes até anos, quando as consequências da violência já causaram danos algumas vezes irreversíveis para o desenvolvimento da criança e do adolescente.

Segundo Monteiro (2010) um dos grandes problemas para a identificação de casos de violência é a falta de conhecimento e competência teórica e técnica do profissional que atende a criança e adolescente vítima de violência, pode ocorrer devido a não implantação desse assunto nos currículos dos cursos de graduação dos profissionais de saúde. Isso pode favorecer que ocorra outros episódios de violência gerando um círculo vicioso da violência social. O autor destaca ainda a relevância de se realizar um trabalho multiprofissional nas unidades de saúde diante dos casos de violência contra crianças e adolescentes, visto que quando a criança e adolescente é vítima de violência necessita de uma atenção multiprofissional para garantir suporte físico, psicológico, emocional e social.

A notificação dos casos é importante pois se trata de um instrumento que além de combater a violência trazendo benefícios para as vítimas também é um instrumento de controle epidemiológico da violência (Gonçalves e Ferreira, 2002 apud Monteiro, 2010 p. 490) E é em decorrência aos dados epidemiológicos que os governantes desenvolvem as ações sociais de cuidado e prevenção. (Azambuja, 2005 p.10 apud Monteiro, 2010 p. 491).

Em um estudo realizado por Avance, Assis, Oliveira e Pires (2009) destaca-se uma diferenciação em relação a agressão verbal e as outras formas de violência no ambiente familiar e fora dele. Supõem-se que isso ocorra devido a esse tipo de violência ser representada por atitudes sem contato físico e muitas vezes é facilmente aceita no convívio familiar, diferente dos outros tipos de violência que é visto como ameaçadoras, que causam dor e sofrimento e práticas inaceitáveis pela sociedade.

Uma pesquisa relata que segundo dados estatísticos cerca de 80% dos casos de violência contra crianças e adolescentes tem como agressores parentes ou conhecidos. (Reichenheim, Hasselmann e Morais. 1999). Na literatura observa-se que famílias consideradas vulneráveis tem maior probabilidade de ter um ambiente familiar conflitos. A ausência de vínculo entre pais favorece o risco para o uso e abuso de álcool e outras drogas onde o adolescente busca nas substancias psicoativas sensações de prazer, de ser aceito e fugir da realidade.

A violência contra criança e ao adolescente acontece muitas vezes no convívio familiar e podendo ser dividida em violência intrafamiliar que é quando o agressor é da mesma família que a vítima mais não necessariamente reside na mesma casa. E a violência doméstica é quando o agressor vive na mesma casa da vítima mesmo sendo parente ou não. Nesse caso o agressor que deveria exercer o cuidado com a criança ou o adolescente comete o abuso por meio do poder, controle, autoridade, ameaças, opressão e intimidação.

Há ainda a violência extrafamiliar que é quando acontece fora do ambiente familiar por pessoas que não possuem grau de parentesco com a vítima. Para que a violência ocorra muitas vezes o agressor usa de meios de convencimento como dar balas, doces e presentes.

O bullying é uma outra forma de violência que pode abranger tanto a violência física como a psicológica e emocional. Segundo Moura et al (2011) o bullying é um ato que gera sofrimento psíquico, diminuição da autoestima, isolamento social, agravo no processo de aprendizado e no desempenho acadêmico. Considera-se vítima de bullying quando a criança ou adolescente sofre repetidas agressões físicas ou verbais que o expõem situações constrangedoras e de desrespeito. Muitos dos comportamentos como timidez, introversão e dificuldades de se relacionar com outras crianças que são observados em

crianças e adolescentes vítimas de bullying estão associados a um maior risco de exposição a violência.

Na literatura observa-se algumas consequências que podem vir a se manifesta na criança e no adolescente vítimas de abuso sexual, que podem comprometer o estado físico, psicológico, comportamental, cognitivo, social e emocional. O surgimento dessas consequências e da sua gravidade vai depender de alguns fatores tais como a duração e frequência da violência, relação que existe entre a vítima e o abusador, a maturidade fisiológica e psicológica da vítima.

Segundo Reichenheim, Hasselmann, Moraes (1999) as consequências da violência pode ser dividida em dois aspectos, as consequências traumáticas (físicas), emocionais e afetivas. E as consequências associadas ao tempo transcorrido entre a exposição à violência e o aparecimento do agravo, diante disso as consequências podem ser imediatas, mediatas ou de longo prazo. Quando há o predomínio de mais de um tipo de violência fica complicado definir qual o tipo de abuso que desencadeou o agravo (físico, psicológico, emocional, social).

A causa dos maus-tratos contra crianças e adolescentes envolve fatores históricos, culturais, situacionais, além das características dos pais e dos filhos. Muitas vezes as formas de educar os filhos por meio de castigos físicos é uma prática que passa de geração em geração. Fatores situacionais pode envolver situações específicas e pontuais como o controle de esfinteriano ou algum acontecimento familiar. Em relação as características dos pais podemos relacionar agressividade, impaciência, autoritarismo, problemas psíquicos. As características dos filhos podem aparecer portadores de necessidades especiais e problemas psíquico. (Belsky 1993 apud Antoni, Barone, Koller, 2007).

CONSEQUÊNCIAS FÍSICAS

A violência contra crianças e adolescentes pode vir a apresentar consequências físicas, com lesões, queimaduras, hematomas, cortes, laceração de períneo, hemorragias, fraturas, traumatismos cranianos. No caso da violência sexual podem contrair doenças sexualmente transmissíveis como a Aids. Geralmente nos casos mais graves quando a criança ou adolescente necessita de um atendimento hospital imediato e é levada ao hospital, os profissionais de saúde devem estar atentos para identificar as causas das

condições clínicas pois pode proporcionar consequências ainda mais graves, desde complicações e agravos na saúde (podendo levar à óbito) à exposição a um novo episódio de violência.

As formas de negligência onde a família não proporciona o cuidado, atenção, ambiente livre de riscos, favorece com que a criança esteja mais exposta a sofrer acidentes domésticos, como queimaduras, quedas de janelas e escadas, intoxicação e envenenamento.

Há também os casos em que os responsáveis pela criança mesmo tendo condições necessárias não proporciona alimentos, roupas, atendimento médico, que como consequência pode apresentar desnutrição, hipotermia e agravos para saúde.

Uma das manifestações da violência física encontradas na literatura é a síndrome do bebê sacudido que refere-se a formas violentas de sacudir a criança causando lesões graves como hemorragias intracranianas e intraoculares, sendo capaz de causar sérios danos e sequelas como a hemiplegia, tetraplegia, convulsões que comprometem o desenvolvimento neuropsicomotor da criança.

CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS E EMOCIONAIS

Segundo Monteiro (2010) na violência sexual acontece na maioria dos casos uma junção com outros tipos de violência, já que causam lesões físicas e genitais, e também interfere no psicológico da vítima. Acrescentando a isso, as crianças e adolescentes se tornam propícias aos distúrbios sexuais, ao uso de drogas, a prostituição, a depressão e ao suicídio.

O abuso físico e sexual na infância e adolescência pode desenvolver vários transtornos como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT), Transtornos Depressivos, Transtornos Alimentares e Transtorno Dissociativo. Podem manifestar ainda comportamentos como culpa, baixa autoestima, timidez, agressividade, medo, insegurança, isolamento, apresentam um bloqueio em confiar no outros, alterações no sono, dores abdominais, fugas de casa, sexualidade exacerbada, baixo rendimento escolar. (Santos e Dell'aglio. 2008).

Teixeira-filho, Rondini, Silva e Araújo (2013) abordam em seu estudo uma pesquisa realizada por Martin, Bergen, Richardson, Roeger e Allison (2004) destacando

que pessoas do sexo masculino, que relatam ter sofrido violência sexual, teriam um risco 10 vezes maior de pensarem em e/ou cometerem suicídio comparando com pessoas que não sofreram violência sexual.

De acordo com Avanci et al Pires (2009) comportamentos depressivos nas crianças podem estar relacionados a famílias composta por padrasto ou madrasta e à responsáveis mais jovens. Nota-se também que as crianças mais novas estão mais expostas a sofrerem algum tipo de violência na comunidade onde moram.

Santos e Dell'aglio (2008) destacam um fator importante que é a ausência de apoio, afeto e cuidado materno que pode contribuir para o agravamento das consequências nas crianças e adolescentes vítimas de violência, como a depressão e TEPT. Segundo os autores a rede de apoio social e afetivo favorece auxílio aos recursos para enfrentamento e proporciona um ambiente acolhedor. Mulheres que foram vítimas de violência sexual na infância podem se tornar mais suscetíveis a ter relacionamento com parceiros abusivos, prejudicando a sua capacidade de se proteger e proteger seus filhos de possíveis abusos. (Santos e Dell'aglio, 2008 apud Narvaz, 2005).

Identifica-se que mulheres que presenciaram violência entre os pais apresentam uma maior dificuldade para romper o ciclo de violência e se afastarem dos maridos violentos. (Jaffe et al., 1990 apud Reichenheim et al (1999).

Os comportamentos de automutilação, ideações e tentativas de suicídio são desencadeadas de maneiras diferentes conforme o sexo. Para homens, a violência sexual estaria mais associada a mutilação do que ao suicídio, enquanto que, as mulheres estaria mais ligadas a desenvolver comportamentos suicidas. (Martin et al Alison. 2004 apud Colquhoun. 2009).

Avanci et al Pires (2009) destaca a percepção da criança em relação a situações da vida, nesta perspectiva relata a existência de um elo da violência com a depressão onde a experiência da criança com a violência não seria apenas definida pela natureza do evento, mas também pela sua capacidade de percepção e de lidar com situações de risco e de procurar apoio para lhe dar segurança e proteção.

De acordo com Monteiro (2010) a violência psicológica, está relacionada as agressões verbais e gestuais, que tenham o objetivo de causar medo, rejeitar, inferiorizar e envergonhar a vítima, limitar a sua liberdade ou confiná-la do convívio social. Esse tipo de violência é o de mais difícil identificação, pois não apresenta marcas aparentemente visíveis.

Segundo Monteiro (2010) A negligência se dá quando há ausência de cuidados necessários à criança e ao adolescente nos quais deveriam receber atenção e cuidados essenciais para o seu desenvolvimento adequado. Não inclui quando a família não tem condições de suprir essas necessidades. A negligência pode ser física ou emocional. A física define pelo risco proveniente da inadequação de nutrição, roupas, higiene e atenção e cuidado. Já a emocional está relacionada a ausência no provimento de suporte emocional adequado ou por permitir que a criança presencie violência doméstica.

Para Reichenheim et al Moraes, as consequências emocionais das vivências das crianças com situações em que presenciou frequentes conflitos de violência, podem ser piores do que quando elas mesmas são as vítimas da violência.

De acordo com Avanci et al Pires (2009) vivenciar uma experiência traumática como a violência em uma fase em que as emoções e a personalidade está sendo formada expõe a criança a enfrentar uma grande carga emocional, em que prejudica a sua integridade física ou de quem ama. Ariscando-se ainda a desenvolver problemas como depressão, ansiedade e comportamento destrutivo que tendem a serem difíceis de serem tratados. Para os autores à uma grande necessidade do desenvolvimento de programas e políticas públicas de saúde que inclua o contexto da vida infantil na comunidade e na escola, na mídia.

Day et al (2003) divide as manifestações psicológicas em imediatas que são: pesadelos, sentimentos de ansiedade, culpa, raiva, vergonha, medo do agressor e de pessoas do mesmo sexo, quadros fóbico-ansiosos e depressivos agudos, queixas psicossomáticas, isolamento social e introversão. E manifestações tardias: transtornos psiquiátricos, dissociação afetiva, pensamento invasivos, ideação suicida, cognição distorcidas, síndromes do pânico, imagens distorcidas, pensamentos confusos, dificuldade na

percepção de papéis, dificuldade na resolução de problemas e agravos das consequências imediatas.

Muitos indivíduos que agem como agressores já foram vítimas de alguma forma de maus-tratos durante a infância ou adolescência e muitas vezes transmitem situações que já foram vivenciadas por eles, tornando-se possíveis agressores. Miller (1997) apud Jesus (2006) relata que ao vivenciar situações de violência na infância muitas pessoas podem vir a reproduzir tais atitudes, já que viveram situações mal resolvidas e reprimidas na infância produzindo assim um círculo vicioso da violência.

Segundo Jesus (2006) Muitas das pessoas que se tornam abusadores sexuais na vida adulta tem histórico de abuso físicos e outras perturbações de personalidade em virtude de um severo abuso e privação emocional.

USO DE PALMADAS COMO FORMA DE EDUCAR

Desde de muitos anos a castigo por meio de punição corporal tem sido usado como estratégica de educar e disciplinar as crianças. Sabe-se que essa pratica era utilizada tanto no âmbito familiar como no escolar por meio de palmatorias. Atualmente o uso dessa pratica no ambiente familiar ainda é muito utilizada predominante como uma questão cultural onde a criança precisa ser educada e moldada a partir dos princípios de autoridade dos pais ou responsáveis.

Conhecida como a lei da palmada a lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014 altera o art. 1º do Estatuto da criança e do Adolescente (lei 8.069) acrescentando os seguintes art. 18-A, 18-B e 70-A: que visam estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante como forma de correção, disciplina e educação, por qualquer pessoa que seja responsável em exercer o cuidado e a educação da criança e do adolescente. Considerando castigo físico o uso da força física que resulte em sofrimento físico, lesão, situações que humilhe, ameace gravemente ou ridicularize a criança e ao adolescente. Tendo como punição a quem pratique tais atos dependendo da gravidade: encaminhamento a programa oficial ou comunitário de proteção à família; encaminhamento a tratamento psicológico

ou psiquiátrico; encaminhamento a cursos ou programas de orientação; obrigação de encaminhar a criança a tratamento especializado e advertência. É dever do Estado promover campanhas educativas e de capacitação profissional para que esses direitos das crianças e dos adolescentes sejam garantidos atuando na promoção, proteção e defesa desses direitos. (BRASIL. 2014).

Segundo Weber, Viezzer e Brandenburg (2004) reprimir um comportamento por meio de castigos físicos não faz com que a criança mostre comportamentos adequados ao invés disso, produz sentimentos de medo, raiva, ansiedade e estimula o comportamentos dos pais para a possibilidade de utilizar a punição corporal em outras situações. Para os autores o efeito de punições não físicas podem produzir o mesmo efeito imediato do castigo por meio da punição corporal.

Alguns comportamentos são observados em crianças que recebem punições físicas frequentemente como baixa autoestima, sensibilidade, medo, comportamentos agressivos, interioriza que pode resolver seus problemas através da força física.

CONSEQUENCIAS APÓS A REVELAÇÃO

As crianças em especial as mais novas quando são vítimas de algum tipo de violência tem uma certa resistência em contar o que aconteceu para alguém por medo, angustia, por criar um bloqueio para se relacionar com adultos.

Ao identificar um caso de violência contra criança e ao adolescente deve se buscar estratégias não só para retirá-la do ambiente de risco mais refletir sobre quais as consequências que isso vai afetá-la, quais os sentimentos essa revelação vai trazer, quem será a rede de apoio dessa criança/adolescente.

A revelação pode trazer várias consequências na vida da criança e do adolescente principalmente nos casos de violência intrafamiliar onde o abusador é o responsável pela vítima. O que ocorre muitas vezes ao notificar a violência, o agressor é punido e em alguns casos as crianças e adolescente são retirados de seu lares e colocados em abrigos.

CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL

Os artigos encontrados nos cadernos da UFSCAR para a discussão desse trabalho estão citados na tabela a seguir:

TITULO	AUTOR	OBJETIVO	ANO
Teatro do oprimido e Terapia Ocupacional: uma proposta de intervenção com jovens em situação de vulnerabilidade social.	ALVES I.; GONTIJO D.T.; ALVES H.C.	Descrever e analisar a utilização do teatro como recurso terapêutico ocupacional junto a jovens em situação de vulnerabilidade social no processo de conscientização e protagonismo juvenil.	2013
Maus-tratos infantis, singularidade e contexto: um desafio para a clínica da terapia ocupacional.	ARAÚJO L. S.	Contextualizar acerca da tipologia dos maus-tratos que podem ocorrer no contexto familiar. Reflexão sobre algumas proposições referentes à atuação do terapeuta ocupacional junto a clientela, em especial à criança vitimizada sexualmente.	2005
Intervenção em terapia ocupacional em casas-lares com crianças pré-escolares vítimas de violência domésticas: Relato de experiência	LEANDRO V.A.; PEREIRA A.M.S.	Destacar a relevância da atuação do terapeuta ocupacional com crianças pré-escolares vítimas de violência doméstica e moradoras de abrigos, caracterizados como casas-lares.	2009

Oficina de culinária como estratégia de intervenção da terapia ocupacional com adolescentes em situação de vulnerabilidade social.	PEREIRA D.C.; SILVA E.K.A.; ITO C.Y; BELL B.B.; RIBEIRO C.M.G.; ZANNI K.P.	Descrever a atuação da Terapia Ocupacional frente a adolescente em situação de vulnerabilidade, utilizando a oficina de culinária como estratégia de intervenção.	2014
---	--	---	------

De acordo com Araújo (2005) para o atendimento do terapeuta ocupacional com crianças e adolescentes vítimas de violência é importante destacar que é necessário uma abordagem multidisciplinar devido a complexibilidade dos processos envolvidos de forma que inclua as três esferas de atenção que são: punitiva, preventiva e terapêutica.

Para a intervenção deve-se identificar fatores presentes em cada situação, no caso da violência intrafamiliar com relação a vítima e a família é importante observar dificuldades nas relações familiares, sentimento de culpa e medo, a possível existência de um complô do silêncio na família e o papel que a criança e ao adolescente exerce na família, considerando que cada criança tem suas particularidades e poderá reagir de forma diferente quando expostas à violência.

A intervenção da terapia Ocupacional com as crianças vítimas de violência se estabelece através do brincar utilizando a atividade lúdica como estratégia observando o modo como a criança brinca, pois muitas vezes é no brincar que a criança reproduz o ato de violência, promovendo estratégias de enfrentamento e identificando situações de risco. Estratégias de intervenção individuais ou em grupos podem ser utilizadas com os adolescentes utilizando como recurso atividades expressivas que favoreçam o diálogo e o convívio social identificando situações de risco e formas de enfrentamento, onde o adolescente possa tem autonomia de construir a sua história, fazer escolhas e compartilhar sentimentos e dificuldades.

A família da vítima deve estar incluída no processo de intervenção nos casos de violência infanto-juvenil. No caso de violência intrafamiliar é importante buscar formas de tratamento que inclua a família no processo de cuidado entendendo como é o contexto

daquela família, suas relações, vínculos, fatores ambientais e sociais, o perfil do abusador e da vítima. Para Avanci, Assis, Oliveira e Pires (2009) quando o convívio familiar promove segurança, afeto e apoio aos seus filhos visa minimizar o impacto negativo na criança vítima de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que quando a criança não convive em um ambiente acolhedor com pessoas que lhe proporcione cuidado necessários, carinho, atenção e amor e estão expostas a algum tipo de violência seja como vítima ou testemunha podem desenvolver vários problemas mentais, físicos e psicológicos e muitas vezes não conseguem oferecer esses sentimentos a outras pessoas tornando-se muitas vezes pais agressores, gerando um círculo de violência. Encontra-se predominantemente na literatura em relação a violência contra crianças e adolescentes estudos sobre a violência doméstica, visto que esse tipo de violência ocorre no ambiente familiar da vítima e muitas vezes é uma prática corriqueira, muitas vezes banalizada em relação às suas consequências, por se tratar de práticas de educação e disciplina, intimidando a vítima e fazendo com que ela internalize a culpa pelo ato, tornando difícil identificar a violência. É importante perceber que para identificar as consequências decorrentes da violência é necessário compreender os tipos e as causas da violência, como essa prática pode ser vivenciada pelas crianças e os adolescentes, e entender como a violência é vista pela vítima e pelo agressor. Diante das consequências da violência infanto-juvenil apresentadas nesse trabalho e outras que possam estar ligadas à violência que não foram identificadas neste trabalho fica nítido a importância de desenvolver ações de prevenção, proteção e cuidado. Como proposta de ação e intervenção é importante buscar não só estratégias para identificar a violência mas o que aconteceu após a revelação. Deve-se intervir e proteger a criança/adolescente de situações de risco e realizar intervenções com a família para que se entenda o surgimento da violência, as relações familiares e a possível construção ou reconstrução de vínculos afetivos. Para assim garantir que a criança e o adolescente tenha um ambiente adequado e favorável ao seu desenvolvimento.

A atuação da Terapia Ocupacional deve proporcionar um atendimento que favoreça o acolhimento e vínculo com a vítima e a família, identificar as demandas e intervir na reabilitação dos agravos físicos, psicológicos, emocionais e sociais. Reabilitando não só condições físicas e psicológicas mas o contexto social a inserção da criança e do adolescente no convívio social. Utilizando atividade que minimize os impactos e as consequências da violência e quando possível restabelecer vínculos familiares.

Esse trabalho pode contribuir para um debate acadêmico sobre essa importante questão, e despertar o interesse sobre a importância de abordar esse tema. Sendo assim

mais um instrumento para a identificação das mais predominantes consequências que estão relacionadas a violência infanto-juvenil servindo de auxílio ao acolhimento e atenção a essas crianças e adolescentes vítimas de violência como também na possível redução dos mesmos e na prevenção de desencadear consequências mais graves.

REFERÊNCIAS

- ALVES I.; GONTIJO D.T.; ALVES H.C. **Teatro do oprimido e Terapia Ocupacional: uma proposta de intervenção com jovens em situação de vulnerabilidade social**. Cadernos de terapia ocupacional da UFSCar. São Carlos, v.21, n.2, p. 325-337. 2013
- ANTONI C., BARONE L.R., KOLLER S.H. **Indicadores de Risco e de Proteção em Famílias Fisicamente Abusivas**. Psicologia: Teoria e Pesquisa Abr.- Jun. 2007, Vol. 23 n.2, pp. 125-132
- ARAUJO L. S. **Maus-tratos infantis, singularidade e contexto: um desafio para a clínica da terapia ocupacional**. Cadernos de terapia ocupacional da UFSCar. São Carlos. vol.13 n°2. 2005
- ARAUJO M.F. **Violência e abuso sexual na família**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 2, p. 3-11, jul./dez. 2002
- AVANCI J.; ASSIS S.; OLIVEIRA R. PIRES T. **Quando a convivência com a violência aproxima a criança do comportamento depressivo**. Ciência & Saúde Coletiva, 14(2):383-394, 2009
- BAZON, M. R. **Violência contra crianças e adolescentes: análise de quatro anos de notificações feitas ao Conselho Tutelar na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo Brasil**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24 (2): 323-332, fev. 2008.
- BERNARDO, W. M.; NOBRE, M. R. C.; JANETE, F. B. **A prática clínica baseada em evidências. Parte II: buscando as evidências em fontes de informação**. Revista da Associação Médica Brasileira, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 1-9, 2004.
- BOTELHO, L.L.R.; CUNHA, C.C.A.; MACEDO, M. **O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais gestão e sociedade**. Belo Horizonte. Volume 5. n. 11 p. 121-136, maio/agosto 2011.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069 de 13 de julho de 1990**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. **Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 26 de junho de 2014; 193º da Independência e 126º da República. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm /> Acesso em: 24 de outubro de 2016 às 13:36

DAY V.P.; TELLES L.E.B.; ZORATTO P.H.; DE AZAMBUJA M.R.F.; MACHADO D.A.; SILVEIRA M.B.; DEBIAGGI M.; REIS M.G.; CARDOSO R.G.; BLANK P. **Violência doméstica e suas diferentes manifestações**. Rev. psiquiatr. Rio Grande do Sul, Abr. 2003, vol.25, suppl.1, p.9-21. ISSN 0101-8108

FERREIRA A.L.; **Acompanhamento de crianças vítimas de violência: desafios para o pediatra**. Jornal de Pediatria (Rio J). 2005;81(5 Supl.):S173-S180:

HAGEDORN R. **Fundamentos para a Prática em Terapia Ocupacional**. Terceira Edição. Editora Roca. P. 5. 2003

JESUS N.A. **O Círculo Vicioso da Violência Sexual: Do Ofendido ao Ofensor**. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2006, 26 (4), 672-683

KOIFMAN, L.; MENEZES, R.M.; BOHRER, K.R. **Abordagem do tema “Violência contra a criança” no curso de Medicina da Universidade Federal Fluminense**. Revista Brasileira de Educação Médica. 36(2): 172-179: 2012.

LEANDRO V.A.; PEREIRA A.M.S. **Intervenção em terapia ocupacional em casa-lares com crianças pré-escolares vítimas de violência domésticas: Relato de experiência**. Cadernos de terapia ocupacional da UFSCar. São Carlos, Jan-Jun., v. 17, n.1, p. 53-62. 2009

MAIA A.C., BARRET, n.2 M. **Violência contra crianças e adolescentes no Amazonas: Análise dos registros**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n.2, p. 195-204, abr./jun.2012.

MARTINS, C.B.G. **Maus tratos contra crianças e adolescentes.** Rev. Bras. Enferma. Brasília 2010 Jul.- ago.; 63(4): 660-5

MONTEIRO, F.O. **Plantão social: espaço privilegiado para identificação/notificação de violência contra crianças e adolescentes.** Serv. Soc. Soc., Set 2010, no.103, p.476-502. ISSN 0101-6628

MOURA D.R., CRUZ A.C.N., QUEVEDO L.A. **Prevalência e características de escolares vítimas de bullying.** Jornal da Pediatria. Vol. 87, Nº 1, 2011.

PEREIRA D.C.; SILVA E.K.A.; ITO C.Y; BELL B.B.; RIBEIRO C.M.G.; ZANNI K.P. **Oficina de culinária como estratégia de intervenção da terapia ocupacional com adolescentes em situação de vulnerabilidade social.** Cadernos de terapia ocupacional da UFSCar. São Carlos, v.22, n.3, p.621-626. 2014

PESCE, R. **Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura.** Ciências & Saúde Coletiva, 14(2): 507-518, 2009

PIRES, A.L.D.; MIYAZAKI, M.C.O.S. **Maus-tratos contra crianças e adolescentes: revisão da literatura para profissionais da saúde.** Arq. Ciênc. Saúde 2005 jan-mar;12(1):42-9

REICHENHEIM M.E.; HASSELMANN M.H.; MORAES C.L. **Consequências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a elaboração de propostas de ação.** Ciência & Saúde Coletiva, 4(1):109-121, 1999

ROSA, E. M.; ANJOS, E. E.; BRASIL, G. H.; FONSECA, K. A.; BRASIL, J. A. **A violência que atinge adolescentes e jovens de uma região do Espírito Santo.** Psicol. Argum. Curitiba, v. 32, n. 77, p. 41-51, abr./jun. 2014

ROTHER, E. T. **Revisão sistemática x revisão narrativa.** Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 20, n. 2, p., jun. 2007.

SANTOS S.S.; DELL'AGLIO D.D.; **Compreendendo as mães de crianças vítimas de abuso sexual: ciclos de violência.** Estudos de Psicologia I Campinas I 25(4) I 595-606
I outubro - dezembro 2008

TEIXEIRA-FILHO, F.S.; RONDINI, C.A.; SILVA, J. M.; ARAÚJO, M. V. **Tipos e consequências da violência sexual sofrida por estudantes do interior paulista na infância e/ou adolescência.** Psicologia & Sociedade. 25(1): 90-102, 2013

WEBER L.N.D.; VIEZZER A.P.; BRANDENBURG O.J. **O uso de palmadas e surras como prática educativa.** Estud. psicol. (Natal), Ago. 2004, vol.9, no.2, p.227-237.
ISSN 1413-294X

WEBER L.N.D.; VIEZZER A.P.; BRANDENBURG O.J.; ZOCHE C.R.E. **Famílias que maltratam: uma tentativa de socialização pela violência.** Psico-USF, v. 7, n. 2, p. 163-173, Jul./Dez. 2002

ZAMBON, M.P.; JACINTHO, A.C.A.; MEDEIROS, M., M.; GUGLIELMINETTI, R.; MARMO, D., B. **Violência doméstica contra crianças e adolescentes: Um desafio.** Rev. Assoc. Med. Bras. 2012; 58(4):465-471.